



a Rosa
Fantasma

Interlúdio 1

Tanatofobia

Dançando com os Vagalumes

Era uma vez um jovem cientista de olhos azuis. Sua infinita curiosidade era o combustível que movia os seus membros. Sua insaciável busca por conhecimento era a água que matava a sede do seu corpo. Aquele homem, refinado e educado, rapidamente ganhou o respeito de pessoas influentes e poderosas, sendo reconhecido com apenas vinte anos de idade como um dos mais conceituados e prestigiados cientistas de toda a União Sul-americana.

Durante o nascer do Sol, o jovem cientista encontrou um pássaro que havia perdido uma de suas asas. Ele o acolheu com um sorriso iluminado e o levou para dentro do seu laboratório.

— Se com a ajuda da ciência, eu criasse e te desse uma nova asa... Você olharia para o céu e tornaria a cantar? Você tentaria voar através das nuvens novamente?

Disse o cientista com um tom confiante.

Em uma manhã de poucas nuvens, após meses de estudo e trabalho, o jovem cientista encontrou a cura para uma praga que matava centenas de pessoas diariamente. Ele ergueu o pequeno frasco de vidro contra a luz de uma lamparina e expirou lentamente.

— Se este líquido salvar toda uma nação... Serei lembrado pelas gerações futuras como um herói? Como aquele que salvou o mundo?

Disse o cientista com seus lábios tremendo de tanta excitação.

Sempre que olhava para a imensidão do céu azul, novas criações surgiam, e, imediatamente, ele as colocava em prática. O jovem cientista queria que o seu dom e a sua sabedoria fossem sempre úteis para a humanidade. Não como os feitos de um humano, mas sim como os feitos de um salvador. Ele queria que no futuro todos venerassem ele como a pessoa que revolucionou a ciência.

Poucos eram aqueles que possuíam um coração tão brilhante, tão puro. Sentimentos tão profundos e honestos, mas ao mesmo tempo tão sensíveis e frágeis. A sua alma era como um castelo de cartas, bastando um simples sopro para que tudo desmoronasse.

Em uma tarde de garoa, o jovem cientista observava um corpo sem vida sobre uma mesa estreita. Enquanto calçava suas luvas cirúrgicas, ele olhou para o alto e deu uma risada fraca.

— Se com o poder da ciência eu criasse e te entregasse um novo coração que pudesse bater em seu peito... Você abriria os olhos? Você viveria novamente?

Disse o cientista com seus olhos brilhando de tanta empolgação.

Ele acabou se afogando na própria curiosidade enquanto navegava pelo fascinante universo da anatomia humana. Dia após dia ele cortou e investigou, de novo e de novo, parando apenas quando já havia aprendido cada pequeno detalhe sobre o funcionamento daquele corpo. Cada músculo, cada

órgão... O jovem cientista sabia tudo sobre cada um deles.

Aqueles olhos azuis cheios de fascínio estavam a apenas um passo de descobrir os segredos da vida e da morte.

Durante um anoitecer chuvoso, o jovem cientista foi chamado às pressas até a sua pequena residência. Lá encontrou o corpo inerte da sua esposa. A pessoa que ele mais amava estava caída sobre um tapete de camurça manchado pelo líquido carmesim que escapava do corpo frio dela.

Aquela mulher carregava no ventre um filho do cientista, no entanto, alguém havia roubado a pequena vida que residia dentro dela. Sem a sua amada e o seu herdeiro, o jovem cientista gritou em desespero.

— Se eu chorar até a luz deixar os meus olhos... Se eu gritar o seu nome até a minha voz falhar, você voltaria a respirar? Você tocaria o meu rosto e diria ‘vai ficar tudo bem’ com aquele sorriso gentil?

Disse o cientista em meio às lágrimas de pavor que desciam pelo seu queixo e caíam sobre o rosto da sua amada.

Aquele que queria livrar o mundo das trevas foi o primeiro a ser devorado por ela.

O jovem cientista não deixou que mais ninguém chegasse perto da sua esposa. Não deixou que ninguém o consolasse. Ele se isolou em casa e deixou o corpo da

sua amada repousando sobre o mesmo tapete em que a encontrou, por dias e mais dias.

Em uma noite sem estrelas, o cientista enlouquecido, cercado por centenas de livros, buscava desesperadamente uma maneira de trazer a pessoa que ele amava de volta. Mas mesmo após dar tudo de si, ele não conseguiu encontrar uma cura para a morte. Até mesmo a sua genialidade tinha um limite.

Os olhos sem reflexo daquela mulher continuavam fitando o cientista de longe, como se estivesse implorando para que ele desse um fim à sua agonia. Ela queria chegar ao céu, porém, havia alguém parado entre ela e as escadarias para o paraíso.

Era uma manhã silenciosa de inverno quando o jovem cientista voltou os seus olhos para o alto, procurando aquele céu azul que tanto o inspirava, mas encontrou apenas nuvens negras cercadas por um cinza inexplicavelmente mórbido. O cientista não conseguia seguir em frente sem a sua esposa. Ele não era mais capaz de compreender os seus próprios sentimentos, não tinha mais forças para gritar, não queria mais sentir. Só restava na sua vida aquela reconfortante solidão que devorava a sua sanidade com uma mordida de cada vez.

Durante uma madrugada tempestuosa, o jovem cientista pegou alguns de seus objetos cirúrgicos e foi ao encontro do corpo da sua esposa, onde com um último sorriso, a abraçou forte.

— Quando te encontrei, descobri a beleza da vida. Quando você me deixou sem um adeus, conheci a agonia do sofrimento. Fui manipulado pelo destino como uma marionete, para acabar sendo descartado como lixo após dar tudo que eu tinha. Sem você para me salvar, fui engolido por uma tempestade de desespero...

Sussurrou o cientista com um tom monótono e vazio.

As suas mãos tremiam levemente enquanto cortava o corpo da sua amada, procurando por uma forma de aquecê-la novamente. Ao fundo, o tic-tac de um velho relógio parecia amplificado, abafando o barulho da navalha cortando a carne, ressoando em suas infinitas badaladas.

O cientista e sua marionete. A putrefação e a escuridão preenchendo uma pequena sala de estar, agora tomada pela poeira e teias de aranha. Os fios que ligavam os membros da mulher a este mundo haviam sido cortados há muito tempo, deixando que seu corpo desmoronasse aos poucos, voltando a sua derradeira origem.

Enquanto a mutilava, o jovem cientista sussurrava frases aleatórias, sem nexos ou contexto, como um louco queimando em sua própria insanidade.

— Por que eu? Um simples tolo dispensável! Eu e apenas eu, lançado no fogo do inferno e nas garras do Diabo. Abandonado pela pessoa que eu mais amava,

por Deus e pelo mundo que eu tanto me esforcei para salvar...

O cientista gargalhava com um já familiar tom sem vida.

Ele, que antigamente fora conhecido por ser curioso, educado e inteligente, finalmente havia se tornado alguém morto por dentro, como a marionete que ele tanto amava.